

Pedro Simas e a vacinação de trabalhadores escolares: “Podia ser adiada, não é prioritária neste momento”

André Manuel Correia

O virologista, em entrevista ao Expresso, frisa que “o plano nacional de vacinação foi muito bem desenhado para privilegiar e priorizar os grupos de risco”. Para Pedro Simas, a “decisão [de vacinar professores e funcionários] poderia ter sido diferente e só usar vacinas — que são um bem muito escasso — nas pessoas vulneráveis”. O investigador principal do Instituto de Medicina Molecular da Universidade de Lisboa defende que “não se pode, de repente, estar a alterar tudo, com o perigo de termos mais perdas de vidas humanas”



© TIAGO MIRANDA

Arranca este fim de semana a vacinação em massa de 80 mil professores e funcionários do pré-escolar e do primeiro ciclo. O objetivo é conseguir imunizar 280 mil, incluindo posteriormente os do segundo ciclo e os do secundário. Incluir docentes e auxiliares de educação como grupos prioritários no plano de vacinação faz sentido?

Os grupos de risco estão muito bem identificados e são iguais no mundo inteiro. Em Portugal, que não foge ao padrão internacional, temos a maior parte das mortes [por covid-19], infelizmente, em pessoas a partir dos 80 anos. Correspondem a cerca de 70% no nosso país. Depois há outra faixa etária, dos 70 aos 79, que representa 20% da mortalidade. Estas pessoas têm ainda outra particularidade, pois são aquelas que mais necessitam de cuidados intensivos. E é preciso contextualizar: nós temos em Portugal quase 600 mil pessoas com mais de 80 anos e mais de 900 mil entre os 70 e os 79.

Sabemos o quão efetivas são as vacinas, quase com 100% de eficácia, em que apenas uma dose é capaz de proteger contra doença grave, hospitalização e morte.

O plano nacional de vacinação foi muito bem desenhado para privilegiar e priorizar os grupos de risco, aos quais se somam os profissionais de saúde e os agentes de segurança. Nesse sentido, penso que a decisão [de vacinar professores e funcionários] poderia ter sido diferente e só usar vacinas nas pessoas vulneráveis. Neste momento, temos 61% de pessoas com mais de 80 anos que já receberam a primeira dose e apenas 6% da população entre os 65 e os 79. Na minha opinião, como virologista e cientista, vejo que em todo o mundo foram priorizados os grupos de risco. Tudo o que seja incluir no processo de vacinação pessoas que não sejam grupos de risco, sobretudo quando o país está a fazer um esforço enorme de confinamento e está a dar parabéns perante os parâmetros epidemiológicos que tem, deveria esta fase ser aproveitada para vacinar o maior número de pessoas pertencentes a grupos de risco. E com esta decisão estamos a desviar-nos desse caminho.